

INVENTANDO O FUTURO

LUIZ ABELARDO DE OLIVEIRA: RETRATO DO ARTISTA

Carlos Roberto Carvalho



Alto, magro, esguio. Anda como se dançasse, como se ouvisse música. Fala macio. Não grita (acho mesmo que nunca gritou ou fez coisa parecida).

Não gosta de brigas. Caso alguma coisa o desagrade, prefere afastar-se ou calar-se, sair de fininho. É uma pessoa delicada que prefere ser feliz a ter sempre razão em tudo. Sem pressa, sabe que o tempo fará isso por ele.

Mas não pensem que é pessoa que leva desaforo para casa ou que não saiba defender seus pontos de vistas. Por exemplo, nunca se cala diante das injustiças. Ele reage sim, mas com delicadeza, com o respeito e a tolerância que gosta de distinguir a todos.

É homem de muitos ofícios. Conheci fazendo bolsas de artesanato, fazendo teatro, poesia, e, sobretudo, tocando violão na praça – poderia ser o Orfeu de Vinicius, cujos acordes fazem o sol nascer e naquela praça atraem olhos e ouvidos.

Entre tantos dons, Luiz é professor de educação artística e trabalha com música em uma escola pública – CIEP SANTOS DUMMONT, no Alto da Independência, bairro situado na periferia de Petrópolis com cerca de trinta mil habitantes.

Foi lá que fui reencontrá-lo cercado de crianças e espremido numa sala pequena, do tamanho de uma caixa de fósforos. Nessa sala que só caberia cinco, ele reúne mais de vinte crianças em dias de ensaio do coral. Apesar de exíguo, parecendo mais um armário de guardados – desses que temos em casa e de que nos servimos para guardar coisas que não precisamos mais – é neste espaço que Luiz reúne seu grupo de crianças todos os dias para ensaiar canto coral, tocar violão e soprar flautas. As reúne, não para ensinar música apenas, mas para sonhar junto com elas outros futuros. E elas sonham enquanto cantam. Isso é enunciado na beleza das vozes.

Não é á toa que deu o nome ao grupo de pequenos cantores – na maioria crianças negras e/ou afro-descendentes, moradoras da comunidade – de *Coral Vozes do Amanhã*. Nome que escolheu, não por achar bonito somente, mas por conter embutido nele uma utopia que ele espera ver realizada em breve: a de que "minhas crianças" (é assim que se refere a elas dando-nos uma clara medida da sua responsabilidade em relação ao grupo) possam ser, amanhã, as lideranças da comunidade onde vivem”.

Enquanto educador consciente, mais que formar cantores e cantoras, ele está interessado em formar espíritos críticos, cidadãos que saibam se colocar diante do mundo, se pronunciar, reivindicando seus inalienáveis e intransferíveis direitos, de serem sujeitos de suas próprias histórias, sem se deixar seduzir pelo tráfico e pelas drogas.

Por isso, mais que técnicas, Luiz discute tudo com elas (e discute o tempo todo): o programa dos concertos, os arranjos, as teorias musicais. Discute também literatura, cultura brasileira. Discute, principalmente, o cotidiano delas.

Dessas histórias que ouve, vê e vivencia no seu cotidiano ele constrói o seu repertório musical e depois ensaia com as crianças, transmutando tristezas em alegrias, adversidade em utopias.

Ele sabe que não adianta construir discursos moralistas do tipo faça isso, deixe de fazer aquilo (ele não é um moralista). Ao invés de conselhos

(ele também os dá), Luiz oferece canções para que as crianças possam não só cantá-las, no entanto a partir delas, pensar, refletir e sonhar. Luiz sabe mais que nenhum outro, que em uma canção também se luta – e que a arte, por si só, educa.

Enfim, a história que conto aqui é a história de um professor de ensino fundamental que faz da arte instrumento de transformação social, instrumento de luta, de resistência e *empoderamento*.



.....

Sobre o(a) autor(a):

Carlos Roberto Carvalho: Professor de Didática da UFRRJ.